

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS**XI** Jornada
Internacional
Políticas Públicas19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

COLONIALISMO, RACISMO E A LUTA PELA EMANCIPAÇÃO HUMANA: raça, classe e gênero no enfrentamento ao capital

O racismo foi elaborado para justificar a exploração despudorada dos povos africanos e indígenas para gerar riqueza para o colonizador. Foi mobilizado para justificar a utilização do trabalho escravizado dos africanos e seus descendentes, nas plantações, mineração, etc., voltado para a produção de riquezas, gerando a acumulação necessária para o capitalismo, que se tornou hegemônico mundialmente. A ciência, na contemporaneidade já jogou por terra as “teorias” da existência de várias raças, assim como a superioridade branca. No entanto, as consequências de séculos de construção racista causou danos profundos na subjetividade humana. O sistema do capital utiliza-se das diferenças entre os seres humanos para impor seus privilégios econômicos, sociais, políticos, culturais, etc., e seguir retirando a mais-valia, para a acumulação de capital em mãos de pouquíssimos super ricos. Amplia assim, as desigualdades entre os próprios membros da classe trabalhadora, em especial, mulheres, negros, latinos, indígenas, LGBTQIA+, etc. O racismo sustenta a supremacia branca e a dominação da classe capitalista. Ao fazer isso, divide a classe trabalhadora. Dessa forma, esse sistema de dominação só poderá ser enfrentado consequentemente por uma classe trabalhadora unida. Eis um dos grandes desafios para a Emancipação Humana. A presente proposta de Mesa Temática se propõe a debater essa temática tão desafiadora na contemporaneidade, abordando temas relativos às políticas de igualdade racial, da saúde da população negra, bem como as condições socioeconômicas das mulheres negras, a partir da perspectiva do materialismo histórico.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

POLÍTICAS DE IGUALDADE RACIAL PARA A EMANCIPAÇÃO NEGRA: o que fazer?

Prof Dr Rosenverck Estrela Santos/UFMA
Doutoranda Claudimar Alves Durans/UFMA

RESUMO

No Brasil, raça e racismo são essenciais em nossa formação social capitalista, demarcando hierarquias sociais e raciais e uma mentalidade eurocêntrica. A classe trabalhadora negra, na luta contra o racismo e o movimento negro, na exigência por “igualdade racial”, exigiram dos governos a implementação de políticas centralizadas no recorte racial que resolvessem a questão negra. Pautado pela análise qualitativa, bibliográfica e documental, fundamentado no materialismo histórico-dialético, este texto analisa alguns pressupostos da política de promoção da “igualdade racial” e suas possibilidades de garantir ou não a igualdade de raça. Destaca-se como o racismo tem relação estrutural com o modo de produção capitalista e avalia-se as discussões, ações e contradições das propostas das entidades do movimento negro. Por fim, discutimos as práticas políticas necessárias para a conquista da emancipação humana e igualdade social.

Palavras-chave: Política de promoção da igualdade racial; Formação social brasileira; Emancipação humana.

ABSTRACT

In Brazil, race and racism are essential in our capitalist social formation, demarcating social and racial hierarchies and a Eurocentric mentality. The black working class, in the fight against racism and the black movement, in the demand for “racial equality”, demanded from governments the implementation of policies centered on the racial perspective that would solve the black question. Guided by qualitative, bibliographical, and documentary analysis, based on historical-dialectical materialism, this text analyzes some assumptions of the policy to promote “racial equality” and its possibilities of guaranteeing or not racial equality. It highlights how racism has a structural relationship with the capitalist mode of production and evaluates the discussions, actions, and contradictions of the proposals of the black movement entities. Finally, we discuss the political practices necessary for the achievement of human emancipation and social equality.

Keywords: Policy to promote racial equality; Brazilian social formation; Human emancipation.

PROMOÇÃO



APOIO

1 Introdução

Iniciamos esse artigo, a partir de quatro histórias que nos chamaram muito atenção e servem de mote para pensarmos as políticas de promoção da “igualdade racial”, a luta antirracista e os seus objetivos em busca da emancipação negra.

A primeira história foi o assassinato de *George Floyd* nos Estados Unidos da América, que fez explodir um conjunto de revoltas negras de costa a costa dos Estados Unidos e proporcionou levantes raciais em muitos países da Europa e América. Essas revoltas ganharam apoio e solidariedade de muitos setores e movimentos sociais e fizeram difundir uma frase atribuída a *Ângela Davis*, segundo a qual: “*não basta não ser racista, é preciso ser antirracista*”. Racismo, identidade e igualdade racial vieram para o centro do debate sobre as desigualdades da classe trabalhadora e nos levaram, também, a questionar “o que é ser antirracista”? Essa questão nos ajudou a problematizar as políticas públicas de promoção da “igualdade racial” e suas concepções e razões políticas.

A segunda história ocorreu no dia 5 de abril de 2020 quando a artista *Karol ConKá* se apresentou no programa *Cultura Livre* da TV Cultura. Em uma parte da entrevista, a apresentadora do programa questionou a artista sobre o fato dela ser uma mulher preta, fazendo música e tendo que enfrentar as barreiras do racismo e do machismo. *Karol ConKá* argumentou que seu sonho era um dia não ter que responder mais a esse tipo de pergunta, e que queria ser reconhecida tão somente como uma mulher que fazia músicas e não por sua marca identitária. A dor da mulher preta – disse ela – é sempre algo que interessa as pessoas, mas que na verdade, seu desejo era falar das conquistas, realizações, sucessos e não das dores de uma mulher preta. O que nos chamou atenção em sua resposta foi o fato dela ter se posicionado que preferia – numa situação ideal – não ser reconhecida por uma marca racial e pelo seu sofrimento. Entretanto, isso só será possível se os seres humanos não forem mais identificados pela raça. Nesse sentido, a igualdade ou emancipação da população negra não será possível se a humanidade

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



permanecer dividida em raças e continuar a existir populações brancas e populações negras.

Isto quer dizer que a população negra em sua luta por emancipação terá que auto se extinguir, ou seja, terá que construir uma formação socioeconômica onde não exista negros e brancos, portanto, onde não exista mais divisões e classificações raciais. A raça e o racismo foram edificados, no contexto do capitalismo, para dominar, explorar e dividir, como já destacaram Williams (2012) e Mbembe (2014). Não por acaso Mbembe (2014, p. 43) afirma:

O Negro é de facto o elemento central que, ao mesmo tempo que permite criar, através da plantação, uma das mais eficazes formas de acumulação de riqueza na época, acelera a implantação do capitalismo mercantil, do trabalho mecânico e do controlo do trabalho subordinado. Nesta altura, a plantação representa uma inversão de formato, e não simplesmente do ponto de vista da privação de liberdade, do controlo de mobilidade da mão-de-obra e da aplicação ilimitada da violência. A invenção do Negro abrirá igualmente caminho a inovações fundamentais nos domínios do transporte, da produção, da comercialização e dos seguros.

A terceira e a quarta histórias, nós a vivemos. Certa vez, num debate que estivemos na Universidade Federal do Maranhão, com uma liderança de uma entidade negra, problematizávamos a necessidade da luta contra o capitalismo. Em sua fala de resposta, essa pessoa retrucou dizendo que o problema do movimento negro não era o capitalismo, mas o racismo, ou seja, a prioridade da luta antirracista e, por conseguinte, do movimento negro era contra o racismo, pois o capitalismo não era preocupação principal. Em outro evento, com outra liderança negra, agora de outro Estado, ouvimos que ele preferia ser “chicoteado” por um negro, do que por um branco. Se era pra ter um branco de ultradireita e fascista no poder, ele preferia que fosse um negro de ultradireita no poder. Que estava cansado de “apanhar” de branco e se era para “apanhar”, que fosse de um negro no poder. Isto é, não importava a ideologia ou a condição de classe, desde que fosse negro, estava amenizado ou mesmo justificado os atos de violência.

Nestes pensamentos, toda a luta antirracista torna-se uma luta, não contra as condições materiais e intelectuais que produzem e reproduzem o racismo, mas tão somente contra àqueles que difundem ou são privilegiados por ele. Você

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

combate o “agente” do racismo, mas deixa intactas as condições estruturantes que o sustentam. O antirracismo se torna uma luta subjetiva entre brancos e negros; entre quem pode nos atacar e quem não pode nos atacar. Nesse raciocínio, os pretos no poder podem atacar, explorar e oprimir o conjunto da população negra, mas os brancos estão proibidos. A exploração e a opressão ficam intocadas em suas condições materiais e intelectuais de existência. Nossa perspectiva é outra, e a caracterizaremos nas próximas linhas.

2 Política de “Igualdade Racial” e suas interseções de raça e classe no modo de produção capitalista

Diante das reflexões apresentadas, afirmamos que qualquer proposta de igualdade racial ou emancipação negra, qualquer mundo que venha a ser forjado que mantenha as raças e as divisões de raça, bem como as classes e as divisões de classe, não será um mundo com igualdade substancial ou emancipação efetiva para a classe trabalhadora negra.

Para início de articulação de nossas ideias e problematizações da política de promoção da “igualdade racial”, nos colocamos os seguintes questionamentos: qual seria a causalidade fundamental – raça ou classe – da hierarquização societária e a característica do principal problema da desigualdade no Brasil? As políticas públicas de promoção da “igualdade racial” conseguiriam efetivamente garantir a “igualdade racial” a que se propunham? Quais as condições e projetos estratégicos deveríamos ter para conquistar a “igualdade racial”? Referenciados em Marx (2010a, p. 71, grifo do autor) buscamos fazer uma: “[...] crítica *inescrupulosa da realidade dada*; inescrupulosa tanto no sentido de que a crítica não pode temer os seus próprios resultados quanto no sentido de que não pode temer os conflitos com os poderes estabelecidos”.

Com as políticas públicas de promoção da “igualdade racial” assistimos uma intensificação da polêmica que colocou de lados opostos racialistas e um setor do movimento negro, para os quais todo o problema da desigualdade social no Brasil

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

tem a ver, exclusivamente, com o racismo contra população negra; e, de outro lado, alguns setores da esquerda, sindicalistas e intelectuais que consideram o problema da desigualdade social fruto, unicamente, da exploração econômica que sofre a classe trabalhadora em seu conjunto, colocando em segundo plano o papel do racismo.

Por essa razão, que buscamos discutir a questão social e sua conexão com a questão étnico-racial, percebendo as limitações que ainda existe no entendimento da formação social brasileira e das ações necessárias para combater a desigualdade social e étnico-racial da população negra. Nessa direção, destacamos os vínculos umbilicais entre a gênese e desenvolvimento do capitalismo, com a origem e desenvolvimento do racismo. O capitalismo nasceu jorrando sangue por todos os poros, se utilizou e se beneficiou do trabalho e do sangue negro para o seu processo de acumulação de capital. O Brasil, como uma das principais colônias escravistas do planeta, não apenas foi fundamental nesse processo, como foi palco de inúmeras teorias raciais que buscaram a legitimação e naturalização das relações sociais capitalistas e do racismo antinegro.

Em ato contínuo, o desenvolvimento das forças produtivas, que ao mesmo tempo são forças destrutivas, atinge na mundialização neoliberal um salto qualitativo que tem levado a processos de destruição da própria humanidade. O arsenal bélico, a biogenética, os conhecimentos científicos e biológicos podem devastar a natureza e os seres humanos como nunca foi possível na história. Nesse sentido, concluímos que o capitalismo, não importa a sua forma, não tem condições de responder ao desafio de preservar em equilíbrio a natureza e a humanidade. Qualquer projeto de sociedade emancipadora ou igualdade não pode ignorar essa perspectiva (AMIM, 2003).

A crise do mundo contemporâneo reveste as dimensões de uma grande crise de civilização, testemunho de que o capitalismo é um sistema senil, caduco, incapaz, por sua lógica própria, de responder aos desafios com os quais a humanidade estará confrontada adiante. Impõe-se sua superação. Os movimentos sociais são inevitavelmente interpelados por uma tal problemática (AMIM, 2003, p. 300).

PROMOÇÃO



APOIO



Ou como diz Mészáros (2011, p. 810):

A devastação sistemática da natureza e a acumulação contínua do poder de destruição – [...] – indicam o lado material amedrontador da lógica absurda do desenvolvimento do capital. Ao mesmo tempo, ocorre a negação completa das necessidades elementares de incontáveis milhões de famintos.

Nas entrelinhas da desregulamentação do Estado, sob a égide neoliberal, encontra-se a regulamentação dos mercados. O capitalismo chegou a um patamar histórico de desenvolvimento industrial e conhecimento científico que teria condições de resolver os grandes problemas da humanidade, porém, por sua lógica e comando existe uma dimensão destrutiva que o impede de exercer essa tarefa.

Para a atual conjuntura, que se sustenta na crise estrutural e, portanto, na crise da civilização capitalista, as classes dominantes atreladas à hegemonia capitalista buscam responder com mais mercantilização da vida. À vista disso, temos: mercantilização e privatização da saúde; mercantilização e privatização da educação; mercantilização e privatização dos fundos de pensão; mercantilização e privatização da pesquisa científica; mercantilização e privatização da propriedade intelectual, industrial, cultural e artística; mercantilização e privatização dos recursos naturais; mercantilização e privatização em geral. “Os termos de escolha hoje não são diferentes daqueles definidos por Rosa Luxemburgo em 1918: socialismo ou barbárie” (AMIM, 2003, p. 303).

Por outro lado, não foi difícil constatar que os povos e países dominados utilizaram-se das armas (materiais e culturais) do dominador para construir e organizar formas de luta e resistência, tanto culturais, quanto político-econômicas (IANNI, 2004; GIROY, 2001; AMIN, 2003). Os movimentos sociais, partidos, organizações populares são instados a responder a essas dimensões globais de novas formas de ser, pensar, agir e se definir. A questão da identidade assume, por isso mesmo, uma preocupação central de muitos intelectuais e movimentos sociais.

As organizações sociais da classe trabalhadora e das entidades do movimento negro devem se posicionar contra o discurso neoliberal e seus impactos

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



na organização do Estado e da sociedade, pois estes, não podem trazer outra consequência senão:

[...] a polarização da riqueza, a deteriorização por vezes dramática das condições de vida impostas a povos inteiros, em particular aos trabalhadores, às mulheres e aos autóctones – a destruição acelerada do meio ambiente e a dissolução das especificidades culturais (AMIM; HOUTART, 2003, p. 11).

Para enfrentar a mundialização do capital ou globalização hegemônica como respectivamente atestam Amin (2003), Houtart (2003) e Santos (2005) é preciso a mundialização dos povos e das lutas ou uma globalização antihegemônica. Em função disso, fizemos uma análise da luta do movimento negro por políticas de promoção da “igualdade racial” e as contradições advindas dessa luta e suas concepções. Na esteira metodológica de Francine Mestrum (2003) mais do que denunciar o discurso da “igualdade de oportunidade” ou das contradições das entidades que empreendem essa luta, a nossa intenção foi entender as razões políticas e seus impactos na luta do movimento negro.

Seguindo as reflexões de Houtart (2003), o nosso critério de análise do movimento negro foi seu caráter anti-sistêmico ou as ações que ele utiliza para pôr em xeque – a partir de sua especificidade – a estrutura do sistema capitalista. A intenção foi perceber até que ponto as demandas do movimento negro deslegitimam o sistema capitalista e suas bases para garantir as condições da vida material e cultural da humanidade. A questão principal foi avançar para além dos paliativos – que apenas aliviam realidades de miséria – ou, de propostas por dentro do sistema que iludem sob a perspectiva de humanizar o capitalismo, e buscar uma saída efetiva de emancipação humana e igualdade substantiva.

Ao longo deste texto questionamos a celeuma que desnecessariamente reproduz uma dicotomia entre raça e classe, como se não fizessem parte de um mesmo movimento de dominação burguesa e capitalista, como vimos na própria constituição do modo de produção capitalista. Chegamos à conclusão que essa antinomia entre raça e classe serve a interesses e propósitos de dominação de classe e exploração capitalista e por isso é reforçada, valorizada e reproduzida

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

pelas instituições de Estado, tendo a escola, a mídia e a educação como instrumentos fundamentais desse processo.

É por essa razão, que setores do sindicalismo e da esquerda brasileira teimam em não aceitar a raça como fator estruturante da desigualdade social e da própria constituição do capitalismo, desconsiderando a unidade raça e classe na luta pela emancipação humana e transformação radical do Brasil e por isso não conseguem avançar em suas demandas pela transformação da sociedade. Por outro lado, é essa antinomia, que explica por que grupos racialistas são tão fervorosos opositores aos marxistas, ao comunismo, à luta de classes ou projetos de destruição do capitalismo, pois não conseguem conceber a articulação entre racismo e capitalismo, a não ser na dimensão do consumo e das relações superestruturais.

Por exemplo, propor uma democracia racial verdadeira ou qualquer tipo de “igualdade de oportunidade ou jurídica” entre as raças, como pressupõe as políticas de promoção da “igualdade racial” é manter as raças como critério de classificação e divisibilidade entre os seres humanos, portanto, mantendo as condições de desigualdade entre os seres humanos. São propostas ilusórias e mistificadoras da emancipação e da igualdade, se pensarmos em seu caráter substantivo.

Pela análise e crítica da política de promoção da “igualdade racial” chegamos à conclusão que é preciso demarcar os seus limites, sem, contudo, considerá-la inútil ou desnecessária. Muito pelo contrário, afirmamos e reafirmamos a importância dessa política e reconhecemos as iniciativas dos governos que a empreenderam, mesmo com todas as limitações. Nossa intenção, no entanto, foi desvelar seus fundamentos teóricos, práticas e razões políticas para averiguar e interrogar suas implicações para a luta antirracista.

Como diz Mészáros (2011, p. 305, grifos do autor):

A definição das questões em jogo em termos de “igualdade de oportunidades” está nas mãos dos que anseiam por evitar qualquer mudança nas relações de poder prevalentes e nas correspondentes hierarquias estruturalmente impostas, oferecendo uma promessa irrealizável de “oportunidade igual” diante dos critérios da desigualdade

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada
Internacional
Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

social como cenoura inalcançável na frente do burro. A promessa de “imparcialidade” e justiça em um mundo dominado pelo capital só pode ser o álibi mistificador para a permanência da *desigualdade substantiva*.

Isto não quer dizer que igualdade jurídica ou discutir a raça como critério analítico e social para se refletir a sociedade estejam descartados ou inúteis na conquista de mais direitos à população negra. Tudo isso é importante e fundamental, porém, devemos ter lucidez de que são insuficientes na destruição do racismo e na eliminação das desigualdades sociais de corte racial, caso as classes e as raças se mantenham como condições estruturantes da organização e divisão da formação social capitalista. Dessa forma, a saída contra a mistificação ideológica e cínica da “igualdade de oportunidades” é tornar a igualdade substantiva e a emancipação humana princípios reguladores e estruturadores das relações sociais e produtivas entre os seres humanos (MÉSZÁROS, 2011).

3 A luta antirracista para emancipação humana: o que fazer?

Assim sendo, uma proposta consequente com o fim do racismo e a igualdade racial pressupõe o fim das classes, das raças, das populações branca e negra, e do capitalismo como determinantes estruturais das formações sociais humanas.

Por essas razões que afirmamos e reafirmamos que não é possível ser antirracista, sem ser anticapitalista; que não é plausível ser anticapitalista, sem ser antirracista. Em nosso artigo, concluímos que não é realizável ser antirracista sendo reformista, aceitando o capitalismo como *fim da história* e buscando se adaptar aos seus mecanismos de dominação. Não é factível ser antirracista aceitando o capitalismo como sociabilidade possível de existência. Acreditar que é viável reformar e humanizar o capitalismo, no sentido de combater o racismo, empoderando a população negra e criando uma geração de empreendedores afros é desconhecer as origens e formas de produção e reprodução da dominação racial.

Consequentemente, ser antirracista é lutar contra o racismo e, ao mesmo tempo, lutar contra a condição material e intelectual que corrobora na gênese e

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

reprodução do racismo, qual seja: o capitalismo. Isso vale para os anticapitalistas e para os socialistas, pois acreditar que depois de uma Revolução Socialista, num passe de mágica, o racismo irá se desfazer por conta própria é desconhecer a origem e os mecanismos de reprodução do capitalismo e das formas de sociabilidade baseadas na desigualdade e opressão.

Logo, a consciência racial e o antirracismo são condições fundamentais para a destruição do capitalismo e construção de uma humanidade emancipada com igualdade substantiva. Diversidade, identidade, consciência étnico-racial e consciência de classe, tudo isso é necessário e imprescindível, mas insuficiente se as condições da sociedade permanecer desiguais. Como assevera Mészáros (2011, p. 303, grifo do autor) para a condição feminina, mas facilmente aplicável à condição negra:

Sem o estabelecimento e a consolidação de um modo de reprodução sociometabólico baseado na *verdadeira igualdade*, até os esforços legais mais sinceros [...] ficam desprovidos das mais elementares garantias materiais; portanto, na melhor das hipóteses, não passam de simples declaração de fé.

Não adianta a população negra empoderada, com sua negritude afirmada, se a maior parte desta população – a classe trabalhadora negra – continuar vivendo em condições desumanas socioeconomicamente. Assim como a igualdade social pressupõe o fim das classes e da propriedade privada; a igualdade racial pressupõe o fim das raças e da propriedade privada.

Nossa luta não é para destruir um poder monocromático branco, colocando em seu lugar um poder monocromático negro ou uma diversidade colorida multicultural, mantendo-se a desigualdade social para a grande maioria da população brasileira, que é negra. O Projeto antirracista, ao contrário, deve ser um projeto de igualdade substantiva e emancipação humana. É projeto de sociedade onde as classes e raças não existam, enquanto condições e marcadores de desigualdade. Uma sociedade no qual a humanidade plena seja realizada e a verdadeira história humana possa iniciar sem distinções de qualquer espécie: raça, classe, gênero.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Por conseguinte, uma crítica radical a sociedade capitalista e as suas formas de Estado, educação, trabalho, direito, princípios de igualdade liberal, etc., são fundamentais na busca pela emancipação humana e igualdade substancial. A igualdade verdadeira, substancial, é incompatível com o sociometabolismo do capital, então, a igualdade racial pretendida pelas entidades do movimento negro e destacada na legislação da política de promoção da “igualdade racial”, por melhor que seja a intenção, transforma-se num engodo político se o objetivo estratégico final não é a destruição da formação social capitalista. E isso é amplamente provado pelos números crescentes da violência e miséria que atinge a classe trabalhadora negra.

No lugar da vaga fraseologia [...] – “pela eliminação de toda a desigualdade social e política” –, dever-se-ia dizer que, com a abolição das diferenças de classes, desaparece por si mesma toda a desigualdade social e política delas derivadas (MARX, 2012, p. 39). Nesse sentido, torna-se imprescindível, na passagem da emancipação negra para emancipação humana, afirmarmos a necessidade vital de aliarmos a luta anticapitalista com a luta antirracista.

E se como diz Marx (2012), para conquistar a emancipação humana, necessitamos de uma revolução radical, e não apenas mudanças parciais ou políticas, deixando praticamente intactas as estruturas da sociedade capitalista, os agentes históricos dessa mudança existem e devem se pôr em movimento. Com efeito, a construção de uma *práxis* negra revolucionária é condição para destruição do racismo, enquanto *práxis* de dominação. A luta pela eliminação do racismo, destruição do capitalismo, construção da emancipação humana com igualdade substantiva, certamente passará pela construção da sociedade comunista como alternativa a miséria, destruição e violência da formação social capitalista.

A classe trabalhadora negra por ser duplamente alienada – enquanto explorada e oprimida – é atingida pelo capital com mais virulência. Sendo assim, a luta da classe trabalhadora negra deve revestir-se de um conjunto de demandas e articulações que envolvam: um programa democrático, um programa mínimo e um

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

programa de transição. Por essa razão, qualquer projeto de destruição do racismo deve ocorrer ainda no interior da formação capitalista, durante o necessário processo revolucionário de transformações e mesmo depois de uma Revolução consumada. É um processo permanente da *práxis* revolucionária negra pela emancipação e eliminação do racismo.

Posto isto, o programa democrático envolve a garantia da igualdade de direitos e oportunidades para os indivíduos, independente de raça, classe, gênero, orientação sexual, etc. e são demandas que o antirracismo policlassista empreende em suas ações como elemento central. Mas, precisamos avançar para além do programa democrático, propondo também um programa mínimo, que não sendo policlassista, centra-se exclusivamente na classe trabalhadora e propõe, a redução da jornada de trabalho, direito a aposentadoria, férias remuneradas, além de uma série de outras demandas com fronteiras de classe claramente demarcadas.

As propostas por igualdade racial no Brasil devem estar atravessadas por esses dois programas. O programa democrático como a política de ações afirmativas e cotas e o programa mínimo como a garantia do emprego, titulação de terras, salário igual para trabalho igual, etc. Não é difícil perceber que para a pequena-burguesia ou burguesia negra, *grosso modo*, só interessam as demandas por igualdade de direitos.

Em nossa opinião, a unidade do programa democrático com o programa mínimo será potencializada em suas condições transformadoras, se materializadas num programa de transição. O programa de transição é uma ponte entre o programa democrático e o programa mínimo (TROTSKY, 2004). A necessidade do programa de transição tem a ver, também, com um projeto de igualdade racial que supere o racismo burguês e o antirracismo policlassista, desarticulando as concepções de racismo e raça essencialistas.

O programa de transição dever unir a classe trabalhadora em um projeto unitário e isso requer no Brasil, evidentemente, o combate ao racismo. A classe trabalhadora negra e branca devem ter consciência desse passo importante e

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

fundamental. Por essa razão, alguns caminhos são fundamentais. O primeiro é contribuir e ser solidário com o processo de construção da identidade negra, do orgulho da história, da ancestralidade e da cultura. O segundo caminho é colaborar e apoiar o desenvolvimento e formação das organizações negras, para enfrentar o racismo. O terceiro, é necessário a solidariedade de classe, pois a classe trabalhadora branca não pode se achar superior à classe trabalhadora negra, nem considerar a desigualdade dos negros e negras como naturais. Devem entender que essa desigualdade, inclusive no interior da classe trabalhadora, também, é produto do racismo. Tudo isso requer independência de classe e internacionalização da luta negra.

Ademais, o programa de transição – ao incluir o programa democrático e o mínimo – se volta contra as classes que detém o poder e o controle do Estado e da propriedade privada dos meios de produção. Em regra, essa classe dominante, faz de tudo para esconder o seu domínio de classe, inclusive, assumindo que existe o racismo estrutural e o “lugar de fala”. Ao assumir isso, não querem mais do que despersonalizar o racismo e dividir a classe trabalhadora.

Em contrapartida, no programa de transição que leve em conta um antirracismo revolucionário e classista, a luta contra o racismo e por igualdade racial não está separada das demandas por reforma agrária, nacionalização das terras e do sistema bancário e expropriação da burguesia, ou seja, da luta contra o imperialismo capitalista. A conquista do território quilombola de forma ampla e irrestrita, por exemplo, só é possível na luta contra o latifúndio, o agronegócio e as multinacionais. A conquista de uma vaga e permanência na Universidade Pública deve estar associada à própria garantia da existência da Universidade Pública e do fim dos critérios de seleção e exclusão de entrada em seus cursos. A *práxis* antirracista revolucionária é uma atividade prática política que combina ações afirmativas com política de reparações, ou seja, a igualdade racial só será conquistada expropriando os latifúndios e as empresas capitalistas, e não estabelecendo parcerias com elas.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

4 Considerações finais

A classe dominante branca e o antirracismo policlassista – mesmo sem querer – tratam o racismo de forma despersonalizada, desvinculado da condição de classe e plenamente associado a uma questão moral, intelectual de alguns indivíduos ou do próprio Estado, mas sem seu conteúdo classista. Em nosso artigo, buscamos demonstrar que a luta negra por igualdade racial deve fugir dessa “armadilha da identidade”, para usar a expressão de Haider (2019), e entender que o racismo tem a ver com as relações de produção capitalista e suas instituições de dominação e hegemonia.

Por isso, a luta antirracista revolucionária é tão perigosa para a classe dominante. Por isso que essa classe busca disputar a direção e o significado de ser antirracista. Quem não entende isso, apesar de dizer o contrário, só está reforçando o poder embranquecido da burguesia brasileira.

Nessa lógica, é fundamental desvelar as determinações de raça, classe e gênero na estruturação das desigualdades sociais e da produção da pobreza. Esta é uma atribuição que cabe a todos os movimentos sociais, pois a unidade da classe trabalhadora deve ser uma unidade concreta, que leve em conta as realidades diferenciadas de homens, mulheres, negros e brancos no Brasil. O que a burguesia faz de tudo para esconder, nós devemos escancarar como forma de luta e desestruturação das bases ideológicas do capitalismo. Fazendo isso, nós conseguiremos unir, a exemplo de muitos momentos da história brasileira – como foram os quilombos –, os explorados e os oprimidos, numa ação conjunta contra o capital e seus instrumentos de dominação.

Recentemente nos foi perguntado se acreditávamos realmente que poderia existir uma revolução negra e social no Brasil. Eu disse que sim, pois numa sociedade absolutamente desigual, onde as tensões estão sempre no limite, a qualquer hora a bomba humana de explorados e oprimidos vai explodir. Nessa hora, parafraseando Trotsky, nós aprenderemos o ritmo da história, por que sempre

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



soubemos nadar conta a corrente convictos de que ela mudará seu rumo, convictos de que o novo movimento histórico nos conduzirá a uma sociedade sem raças, sem classes, sem racismo e sem capitalismo, ou seja, uma sociedade com emancipação humana e igualdade substantiva.

Referências

AMIN, Samir. A amplitude dos desafios: reflexões sobre as origens e os desdobramentos das resistências e das lutas – a dimensão econômica. In: AMIN, Samir; HOUTART, François (Orgs.). **Mundialização das resistências: o estado das lutas 2003**. São Paulo: Cortez, 2003.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. Rio de Janeiro: UCAM, editora 34, 2001.

HAIDER, Asad. **Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje**. São Paulo: Veneta, 2019. (Coleção Baderna).

HOUTART, François. A amplitude dos desafios: reflexões sobre as origens e os desdobramentos das resistências e das lutas – a dimensão social. In: AMIN, Samir; HOUTART, François (Orgs.). **Mundialização das resistências: o estado das lutas 2003**. São Paulo: Cortez, 2003.

IANNI, Octávio. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2004.

MARX, Karl. **Crítica do programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **Sobre a questão judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010a.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa/Portugal: Antígona, 2014.

MESTRUM, Francine. A luta contra a pobreza: utilidade política de um discurso na nova ordem mundial. In: AMIN, Samir; HOUTART, François (Orgs.). **Mundialização das resistências: o estado das lutas 2003**. São Paulo: Cortez, 2003.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



SANTOS, Boaventura de Sousa. Os processos de globalização. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). A globalização e as ciências sociais. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2005. TROTSKY, Leon. **Programa de transição**. São Paulo: Editora Sundermann, 2004.

WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e escravidão**. São Paulo: CIA das Letras, 2012.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

AS MULHERES NEGRAS E REALIDADE SÓCIO- ECONÔMICA NO CAPITALISMO: DISPUTAS IDEOLÓGICAS E O CAMINHO PARA EMANCIPAÇÃO

Profa Dra Claudicéa Alves Durans/IFMA

Resumo

O presente artigo com base em pesquisa bibliográfica busca inicialmente apresentar dados sobre a situação econômica e social das mulheres negras no Brasil. Neste sentido, evidenciou-se que este grupo étnico está na base da pirâmide social com os piores indicadores sociais, diante desse quadro, observa-se que há projetos ideológicos de cunhos diferenciados que disputam as mulheres negras. São projetos liberais, burgueses e reformistas que difundem ideias de igualdade de oportunidade, meritocracia, empoderamento, e empreendedorismo, ideias presentes no cotidiano dessas mulheres e são pleiteadas por entidades e organizações negras e do feminismo. Este estudo busca refletir acerca desses aspectos supracitados e ao mesmo tempo discutir uma saída classista que de fato emancipe as mulheres negras com base na tradição e experiências das lutas das organizações negras em um projeto revolucionário político e ideológico de poder por uma outra sociedade.

Palavras-chave: Mulher Negra 1. Gênero 2. Raça 3. Classe 4. Ideologia 5.

ABSTRACT

This article, based on bibliographical research, initially seeks to present data on the economic and social situation of black women in Brazil. In this sense, it was evident that this ethnic group is at the base of the social pyramid with the worst social indicators. In this context, it is observed that there are ideological projects of different nature that compete with black women. They are liberal, bourgeois and reformist projects that spread ideas of equal opportunity, meritocracy, empowerment, and entrepreneurship, ideas present in the daily lives of these women and are claimed by black and feminist entities and organizations. This study seeks to reflect on these aforementioned aspects and at the same time discuss a classist solution that in fact emancipates black women based on the tradition and experiences of the struggles of black organizations in a revolutionary political and ideological project of power for another society.

Keywords: Mulher Negra 1. Gênero 2. Raça 3. Classe 4. Ideologia 5.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

1 INTRODUÇÃO

No contexto da sociedade capitalista há uma combinação de machismo e racismo para impor às mulheres negras um cotidiano de exploração, opressão e violência. Segundo dados do IBGE as mulheres negras compõem cerca de 28% que somado à população total de negros chega a um percentual de 54, 9% da população total, ou seja, a população negra no Brasil é em torno de 57,7 milhões de pessoas que vive uma realidade comum de desigualdades socioeconômicas, racismo e violência.

Em se tratando das mulheres negras o quadro social ainda é pior, estão na base da pirâmide social numa situação de vulnerabilidade e em condições sociais precárias, como atesta pesquisa do IPEA:

21% das mulheres negras são empregadas domésticas e apenas 23% delas têm Carteira de Trabalho assinada – contra 12,5% das mulheres brancas que são empregadas domésticas, sendo que 30% delas têm registro em Carteira de Trabalho. Outro dado alarmante é que 46,27% das mulheres negras nunca passaram por um exame clínico de mama – contra 28,73% de mulheres brancas que também nunca passaram pelo exame. Tanto mulheres negras quanto brancas que estão no mercado de trabalho têm escolaridade maior que a dos homens. (IPEA, BRASIL Retrato DAS DESIGUALDADES GÊNERO RAÇA)

Esse estudo mostra que há um elevado número de mulheres negras no trabalho doméstico, poucas tem carteira assinada e muitas delas se quer passaram por algum exame clínico. Em se tratando do mercado de trabalho, há também desigualdade de gênero, pois se evidenciou que tanto mulheres negras com as brancas podem até ter escolaridade maior que os homens, mas, isso não se reflete em salários mais altos.

Outro aspecto que marca profundamente o cotidiano das mulheres negras é a violência, nesse caso a violência doméstica e feminicídio, as negras são em torno de 62% das vítimas de feminicídio e cerca de 70,7% de mortes violentas, ou sejam morte provocada intencionalmente. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública do ano de 2022 destaca que essas violências estão combinadas com as desigualdades econômicas e sociais, racismo, intolerância religiosa

No mínimo duas conclusões podemos tirar dessa realidade. A primeira é que a estrutura capitalista gera todas as formas de violência na sociedade, é, portanto, uma racionalidade intencional, imposta por uma lógica econômica de produção da riqueza pelos trabalhadores e apropriação indevida dos lucros pelos grandes grupos econômicos. Há que

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



se destacar que este modelo de sociedade faz o uso de recursos naturais de forma excessiva, destruindo o meio ambiente, portanto, este sistema é destruidor das relações humanas e da natureza e se utiliza da opressão e exploração para impor a classe trabalhadora o seu padrão de vida como algo natural e universal.

A segunda conclusão é que a partir dessas desigualdades impostas pelo sistema e sua burguesia que atinge toda a classe trabalhadora, pressupomos que há setores da classe que são mais afetados que outros, a ponto de estarem em situação de vulnerabilidade, é o caso das mulheres negras, como já sinalamos anteriormente. Nessa direção, o único caminho para a emancipação das mulheres negras e de sua classe é destruição do sistema capitalista que gera exploração e opressão, portanto, devemos criar nenhuma ilusão de que qualquer reforma poderá humanizar o capitalismo.

O caminho deve ser o de construir um verdadeiro projeto de igualdade que alcance não apenas o jurídico, mas o político, social e econômico, ou seja, é uma luta pelo poder pelos trabalhadores, vinculada a um programa, a uma política e pela construção de uma outra sociedade.

Nessa direção, a questão das mulheres negras é uma questão democrática a ser resolvida pelo Estado brasileiro, pois é resultado do processo de colonização que traficou, transformou as mulheres africanas em escravas, objeto sexual e para o servir durante quase quatro século e nos dias de hoje são mantidas em situação de desigualdades econômicas e sociais, um problema ligado a estrutura histórica e atual do país, que até hoje não há política social contundente que eleve às mulheres negras à melhorar as suas condições básicas de vida.

Em se tratando das mulheres negras fora do país se percebe que essa estrutura social desigual se mantém, segundo informações sobre a região do Caribe e América Latina fornecidos pela Associação Rede de Mulheres Afro-Latinas, Afro-Caribenhas e da Diáspora (Mujeres Afro) 30% das mulheres e homens se autodeclaração negros e tem em comum a situação de desemprego, subemprego, discriminação e violência. Sem falar que dos países com maiores índices de feminicídio 15 estão na América Latina, portanto esse é também um tema de caráter internacional a ser resolvido, pois o colonialismo imperialista atuou nos continentes asiático, americano e africano, gerou genocídios de povos indígenas e africanos, traficou e escravizou populações inteiras, submeteu as mulheres negras ao trabalho forçado, sem qualquer tipo de direito, negando-lhes a humanidade. Esta situação

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

de subalternidade em uma estrutura de desigualdade sócio- racial continua até os dias de hoje.

Nessa direção uma questão emerge: A realidade das mulheres negras no Brasil desde o a formação social é de extrema desigualdade. Como superar as mazelas impostas pelo capitalismo para conquistar a emancipação? Que orientações ideológicas têm influenciado as mulheres negras para o enfrentamento dessa questão social?

Este artigo, com base na pesquisa bibliográfica, busca analisar a realidade social e econômica das mulheres negras no Brasil, bem como discutir as ideologias presentes na disputa dessas mulheres e formas de superação das formas de violência sofrida para sua emancipação humana.

2 Projetos ideológicos e a disputa das mulheres negras

Nessa difícil situação que vivem as mulheres negras imposta pelo capitalismo que está em decadência, há projetos em disputas. Neste sentido, há concepções liberais-burguesas, reformistas que difundem ideologias da meritocracia, igualdade de oportunidades, empreendedorismo e empoderamento. Essas ideologias se massificaram entre entidades e organizações negras, um exemplo é a ideia de mercado negro difundido pelo *Black Money*, perspectivas pleiteadas também por algumas entidades e organização negras e feministas.

O Movimento Black Money surgiu nos Estados Unidos difundindo a ideia de empoderamento financeiro dos negros por meio de consumo de produtos e serviços também por negros, uma espécie de circulação da economia e do mercado por pessoas negras para gerar riqueza. É um movimento que tem atuação também no Brasil, busca a “autonomia” das pessoas negras com vistas ao empreendedorismo em áreas consideradas estratégicas como inovação digital, educação e negócios. Segue alguns dos seus valores:

Nação: a construção de uma agenda preta de poder;
Raça Primeiro: pensamos em benefício da comunidade preta prioritariamente;
Pensar, falar e agir de maneira a ajudar a eliminar o racismo e a estabelecer a justiça; Autonomia do Povo Preto: a não dependência de outras culturas em tudo que for possível. (Trechos retirados do Site do Movimento Black Money).

Como se observa, essa posição tem ilusão ao sistema capitalista, acredita que é possível num modelo extremamente excludente criar um mercado produtor e consumidor para os negros, bem como dessa forma acabar com o racismo. A proposta de empoderamento individual é liberal e volta-se para as ações cotidianas e particulares e se

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

quer reconhece o conflito existente entre as classes, não há críticas ao capitalismo, ao contrário, reforça-o.

Mais recentemente vimos no cenário político do país perspectiva da direita conservadora se instalar com mais força no parlamento e na gestão do país com posições abertamente misóginas e racistas. São posições defendidas inclusive por pessoas negras, a exemplo do ex- parlamentar Fernando Holiday de São Paulo que em seu mandato defendeu a redução do papel social do Estado, a escola sem partido, a revogação das cotas raciais e se posicionou contra o aborto, chegando ao absurdo de defender em 2019 a internação psiquiátrica compulsória de mulheres grávidas em que tem “propensão” ao abortamento ilegal.

Na linha de orientação de pautas conservadoras está também o ex presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo que também é contra as cotas raciais, avesso à Zumbi como herói nacional e o Dia Nacional da Consciência Negra, da mesma forma que minimiza o racismo no Brasil, proferindo como vitimismo dos negros e exalta a escravidão como benéfica ao nosso povo, tais concepções são repugnantes e inconcebíveis nos dias de hoje.

São concepções reacionárias, ainda que pontuais, fazem parte da realidade mundial de crise econômica, social, da luta de classes e da crise da democracia representativa que tem levado à vitória eleitoral setores de extrema direita em vários países. Esse polo reacionário e contrarrevolucionário tem por objetivo impor guerra social, a violência, a barbárie aos mais pobres e derrotar a classe trabalhadora.

São concepções alheias a nossa classe e a nossa tradição no movimento social, porém tem influenciado uma parte de nossa classe. Nessa direção, outros aspectos emergem no marco de disputas ideológicas no movimento. São questões ligadas à identidade e a questão cultural

3 Identidade e cultura na disputa ideológica

Debates acerca da identidade negra, da representação e da representatividade tem sido recorrente no meio acadêmico. Assuntos como apropriação cultural, lugar de fala, colorismo, branquitude estão em cena estimulando opiniões contra e a favor.

A expressão *blackfishing* ganhou as redes sociais significando “fingimento”. Nesse caso referindo-se a algumas pessoas que têm se passando por outras, no caso se passando por pessoas negras ou miscigenadas para poder se beneficiar de algum modo das políticas de ações afirmativas de cotas para negros. São algumas situações de modelos brancas que aparecem como negras para receber patrocínios, divulgando produtos. Essa aceitação é denominada “afroconveniente”.

Essa disputa é estimulada pela lógica de mercado num plano estético, midiático e comercial para conseguir patrocínio, que além de não fazer parte de nossa tradição estimula a disputa fenótipo e em favor de um perfil do bem sucedido, posição contrário da situação real da maioria dos negros no Brasil.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Um outro exemplo típico dessa situação tem acontecido no campo das cotas raciais para a entrada nas universidades. Há casos de estudantes não considerados negros que conseguiram entrar para os cursos pretendidos se autodeclarando pardos ou negros, essas denúncias chegaram ao Ministério Público e há casos julgados considerados como fraude no sistema de cotas com punição da perda do curso e indenização por danos morais coletivos. Essa situação de fraude é bem complicada e merece um estudo aprofundamento.

Nos dias de hoje as universidades e Institutos Federais tem aderido ao sistema de heteroidentificação avaliação que é constituída por um processo que vai desde apresentação de foto ou vídeo da pessoa no ato da matrícula e da composição de banca de professores que avaliará os traços fenótipos do candidato.

Ainda sobre a questão da identidade e as relações raciais tem o tema do colorismo, visto como um fenômeno de preconceitos fundamentado na cor e traços fenótipos. Este processo tem níveis de preconceitos com base na tonalidade da pele. É um sistema que apoia-se no braqueamento e hierarquiza as relações raciais, dando um tratamento desigual a uns e favorecendo outros. Segunda essa concepção, pessoas de diferentes nuanças de pele sofrem experiências distintas de racismo, bem como destaca a aceitação quando há aproximação com o padrão Europeu.

Cabe destacar que o colorismo foi utilizado pela primeira vez por Alice Walker em 1982, escritora e ativista negra Norte Americana que em sua trajetória militante se posicionou em defesa dos palestinos, criticou o Governo de Obama nos EUA por reabilitar bancos, investir em guerras como no Afeganistão e não nos serviços públicos. Ela tece críticas ao colonialismo no mundo.

De maneira geral o tema do colorismo é canalizado para as relações étnico-raciais. A questão da vantagem e a aceitação, traz para o interior dessa discussão as disputas discursivas e a questão de legitimidade de representação fundado em elementos fenótipos, colocando em lados opostos vítimas do racismo, seja qual for a tonalidade da pele, portanto, o racismo visto numa perspectiva moral e liberal.

Questiona-se o uso da “cultura negra” por indivíduos brancos, responsabilizando-os do uso indevido e de não pertencimento desta. De fato, há elementos do sagrado, da religião que tem uma tradição de reserva, ritual sigiloso que não pode ser publicizado, contudo o que está por traz desse debate é mais que isso, é o processo de mercantilização da cultura e a invisibilização de quem a produz. Há grandes indústrias lucrando com a cultura negra, se apropriando de produtos para estética, se apresentando como alternativo, porém ao anunciar seus produtos comerciais e midiáticos se quer tem participação de modelos negros, portanto o que existe é a apropriação cultural pela burguesia.

A troca cultural nunca foi um problema entre nós. Desde os quilombos buscou-se a unidade entre os diversos povos africanos, entre as nações indígenas e brancos pobres. O colonialismo buscou estimular a disputa e rivalidade. Durante o tráfico desagregou famílias e clãs inteiros, colocou nas senzalas povos em rivalidades, línguas e costumes diferentes, sem contar que a cultura africana foi alvo de críticas, vista como inferior e exótica sendo invisibilizada, porém, foi a cultura um elemento de resistência desta população, daí as religiões de matriz africana, o samba, o reggae e muitos outros aspectos culturais. Cabe

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

também destacar que todo esse debate se localiza num momento em que jovens tem se assumido negros, daí a importância de se disputar esse para um projeto socialista.

4 A interseccionalidade e seus limites

No estudo sobre a mulher negra tornou-se importante o uso da interseccionalidade, uma espécie combinação na análise das opressões de raça, classe e gênero que atuam juntas e não podem ser tratados como variáveis independentes.

Segundo esta concepção, na estrutura das opressões há relações de poder que se localizam na vida das pessoas produzindo desigualdades e injustiças. As opressões combinadas de raça, classe e gênero invisibilizam a mulher negra, inclusive em relação aos direitos, este processo se reflete na ação política do feminismo e do movimento negro que também negligenciam as experiências das negras. São relações sobrepostas, no qual as opressões são separadas e hierarquizadas.

A interseccionalidade foi introjetada nos meios acadêmicos pelo feminismo negro norte americano através das intelectuais Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill Collins, Ângela Davis, Bell Hooks e outras. Essas intelectuais são conhecidas no Brasil por participarem de conferências, lançamentos de livro, cujo interesse pela temática tem despertado o mercado editorial, bem como tem se observado a aproximação com instituições de ensino, pesquisa e governos não só do Brasil, mas de diversos países. O feminismo negro tem se transformado em movimento transnacional. Intelectuais negras têm sido referenciadas em suas obras, Ongs de mulheres negras no Brasil tem recebido financiamento de instituições imperialistas norte-americanas como Fundação Ford¹ para desenvolver programas de direitos humanos, etc.

Este processo se situa no contexto em que estudos de gênero e identidades tem sido acolhido na agenda política mundial num cenário de crise capitalista, diminuição do papel do Estado nas políticas sociais e implementação de políticas de ajuste fiscal em diversos países. Nota-se que entidades feministas e negras passaram a se articular em ações de governos, formulando, implementando e controlando as escassas políticas públicas, dirigindo-as para negros e mulheres, setores que consideram beneficiários e prioritários no enfrentamento a pobreza.

Essas políticas focalistas, estão na base das diretrizes do Banco Mundial que tem orientado diretamente os países a executarem-nas. Tratados internacionais realizados em conferências mundiais, a exemplo de Beijing em 1995 para mulheres e a do racismo e formas correlatas realizada em Durban, África do Sul em 2001 tem sido instâncias de pactos, mesmo que de maneira formal para obrigar os países a implementarem as ações da política de gênero e raça.

1 Segundo Teles (2002), a Ford é o maior suporte financeiro das organizações do movimento negro do Brasil e o maior apoio filantrópico das pesquisas sobre relações raciais, principalmente através de seus programas de direitos humanos. Outras fundações norte-americanas, incluindo MacArthur, Rockefeller e Kellogg apoiam esta área em escala menor.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Cabe destacar que as conferências supracitadas tiveram a participação de mulheres negras, sobretudo através de ONGs, há registro dessa participação através do dossiê na Revista de Estudos Feministas (2002) do qual contém vários textos de colaboração ao debate. O intitulado “Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero”² de autoria de Kimberlé Crenshaw foi considerado um documento central e orientador do debate acerca da interseccionalidade e integra o Dossiê da III Conferência Mundial contra o Racismo, Durban 2001. Nele a autora mapeia as distintas formas de racismo, grupos vitimados pelo racismo e qual deve ser o tratamento internacional ao tema, bem como o papel dos estados e órgãos da ONU. A proposta parte da ideia de que a interseccionalidade pode ser uma metodologia para interpretar as opressões dentro de uma relação de interação das diversas subordinações.

As ideias de Crenshaw influenciaram na elaboração da cláusula de igualdade da Constituição da África do Sul. Como se percebe o tema tem despertado grande interesse e a autora tem tido “influenciadora social” no mundo por desenvolver a teoria. A título de informação a autora é jurista, professora do Curso de Direito da UCLA, desenvolveu o tema da interseccionalidade em 1989, fundou e é coordenadora do Fórum de Política Afro-Americano (AAPF), um *think tank*³, uma espécie de ONG que trata dos direitos humanos, questões de gênero, raça e mulher negra:

Um think tank inovador que **conecta acadêmicos, ativistas e formuladores de políticas para promover esforços para dismantlar a desigualdade estrutural**. Utilizamos novas ideias e perspectivas inovadoras para transformar o discurso e as políticas públicas. Promovemos estruturas e estratégias que abordam uma visão de justiça racial que abrange as interseções de raça, gênero, classe e a série de barreiras que destituem aqueles que são marginalizados na sociedade. A AAPF dedica-se a promover e expandir a justiça racial, a igualdade de gênero e a indivisibilidade de todos os direitos humanos, tanto nos EUA quanto internacionalmente (<http://aapf.org/African American Policy Forum>).

As informações acima foram retiradas do próprio site da ONG e descreve o seu papel em articular ativismo e a academia para consecução de políticas públicas dirigidas a mulheres e negros. Em um outro texto com o título “Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero” Crenshaw é categórica em afirmar que há necessidade de identificar especialistas em vários níveis que trabalham com mulheres e compreendam o que afeta a vida delas tendo em vista a necessidade de garantir soluções eficazes na política e nas

2 O texto de Kimberlé Crenshaw foi primeiramente apresentado para especialista em reunião preparatória à Conferência de Durban em 2000 na Croácia.

3 Esta expressão significa fábrica de ideias, geralmente compostas por especialistas que produzem e difundem ideias influenciando a sociedade, visam também interferir em políticas públicas, são na verdade ONGs.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

práticas inclusivas e produtivas, portanto, o termo não se refere apenas a um método ou teoria se assim compreendemos, mas tem um sentido prático que é desenvolver políticas públicas, tem então um caráter político inserindo-se nas políticas feministas e antirracistas.

Do ponto de vista do conhecimento a interseccionalidade destaca o papel das mulheres negras como criadoras de conhecimento, acentua as experiências e pontos de vista particulares, bem como questiona os conhecimentos dominantes que colocam as mulheres em segundo plano, por isso o corte interseccional passa a colocá-las no centro das prioridades. É comum em suas palestras essas intelectuais darem destaque as suas próprias experiências de vida sobre o tema, destacando suas narrativas, daí decorrem expressões popularizadas no Brasil como lugar de fala para se contrapor ao pensamento que consideram hegemônico, dando voz aos sujeitos e identidades silenciadas, expressa também o direito, a visão que cada tem a partir da posição social que ocupa na sociedade.

Patrícia Hill Collins tem criticado as contribuições recentes sobre interseccionalidade por ignorarem a relação desses estudos com o movimento de mulheres negras, dando-lhe um caráter meramente acadêmico. Ela destaca que a interseccionalidade é parte do movimento social, cita as ativistas e intelectuais negras como Alice Walker, Audre Lorde e Angela Davis que levaram o debate das relações entre raça, classe e gênero para a academia, polemizando as relações e políticas internas com as sufragistas brancas e pela abolição com homens negros, trazendo à tona o tema da interseccionalidade. Ela também destaca que a visibilidade da história individual ou coletivas de mulheres negras desde a escravidão nos EUA foi possível graças ao feminismo negro. Contudo, Collins tem consciência que a interseccionalidade tem ficado cada vez mais separado do movimento social, tornando-se academicista. A nosso ver este tema tem sido utilizado por correntes de pensamento como a pós modernidade, a fala de Kimberlé em evento⁴ realizado no Brasil atesta nossa suposição:

Acrescento a isso também, um caráter híbrido pessoal: eu sou advogada, uma acadêmica, uma afro-americana, uma feminista, uma estruturalista e uma pós-modernista e creio que o direito está em toda parte e ao mesmo tempo está incompleto (Crenshaw, 2018, p.19).

A fala descreve sua ligação à pós- modernidade, sua condição individual de múltiplas referências e seu entendimento sobre direito inserido em vários contextos e situações, bem como precisa de complementariedade, isto reflete a concepção pós-moderna que caracteriza o mundo e os sujeitos como fragmentados, pois o real é impossível de ser explicado de forma global, conhece-se as partes isoladas. Vale lembrar

4 O referido evento foi um seminário realizado em 1996 no Brasil pela Themis que teve a participação de Kimberlé, resultando no artigo da *ThemisRevista* “A construção jurídica da igualdade e da diferença em 2000. A Themis é uma ONG de Porto Alegre composta por advogadas e cientistas sociais feministas que buscam o enfrentamento a discriminação contra mulheres na justiça.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

que a pós-modernidade questiona-se a existência de classe, a materialidade histórica, considera que o conhecimento é uma construção discursiva, nega o proletariado como sujeito social da revolução.

Enfim, a pós-modernidade questiona o marxismo como método de análise, que não serve para analisar a realidade, não fornece respostas as questões sociais porque está ligado a um projeto social amplo de emancipação-poder da classe trabalhadora e construção da revolução socialista. Segundo esta concepção, há muitos poderes que oprimem ficando difícil se opor a um tipo específico, acredita também em resistências particulares, por isso defende o protagonismo individual e de setores específicos.

A interseccionalidade definida por Kimberlé a nosso ver não tem nada de dialético em relação as opressões, ao contrário, se, por um lado, entende que na análise sobre opressões deve-se unificá-las, por outro, identifica a sobreposição destas, tendo menos ênfase na classe. Focaliza a consecução de direitos, por isso a interseccionalidade pode contribuir com a justiça social, daí o foco no indivíduo e nas micropolíticas que ajudam a combater as opressões, com isto pulveriza-se as lutas, suscita-se a desconfiança nas relações interpessoais, retirando o conteúdo da unidade de classe. A unidade passa a ser apenas em relação ao gênero ou raça/etnia não importando a classe social.

Alguns defensores da interseccionalidade, sobretudo do meio acadêmico e das ONGS tem tornando o tema das opressões complexos, coisas para especialistas, daí a variedade de conceitos e categorias construídas, aumento de instituições que tem produzido e difundido informações sobre esse e outros temas, bem como a ampliação da relação com o Estado, cujo o objetivo é prestar consultorias para implementar pequenas ações e políticas de gênero e antirracistas. Instituem uma espécie de liderança corporativa, forjam-se lideranças bem-sucedidas, para criar ilusões de empoderamento cotidiano individual e em pequenos grupos. Nas ações políticas e estratégias buscam estabelecer uma unidade quadripartite entre organismos internacionais, governos, empresas e sociedade civil, pois a reponsabilidade com os problemas sociais é de todos.

A interseccionalidade não tem base no marxismo, apesar de alguns estudiosos buscarem essa aproximação, com isto queremos neste Encontro de Mulheres Negras abrir esta discussão, a fim de que possamos aprofundar este tema. Nesse momento sugerimos um olhar de crítica na base dessa concepção que tem minado o tema das mulheres negras.

Compreendemos e reforçamos a ideia de que o combate ao machismo/racismo/lgbtphobia passa pela luta indissociável de classe/gênero/raça combinada à luta contra o capitalismo, sistema que gera desigualdades e exploração e que na sua fase atual de decadência tende a aumentar a violência, o feminicídio, e o genocídio, sendo necessário a organização, luta e unidade da classe no enfrentamento a tudo isso, através de um projeto de emancipação humana.

Esta perspectiva se difere da interseccionalidade quanto ao aspecto da junção raça/gênero/classe, **COLONIALISMO, RACISMO E A LUTA PELA EMANCIPAÇÃO HUMANA: raça, classe e gênero no enfrentamento ao capital**. Cabe destacar que a questão da violência, do desemprego e encarceramento são temas abordados por esta perspectiva, considerados como mazelas do sistema, contudo, não há uma proposta política

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

de superação desse modelo, a saída é individual-empoderamento, empreendedorismo e o deslocamento do eixo de confronto para as disputas no interior dos movimentos sociais.

Desta forma, o empoderamento individual e a representatividade são bandeiras defendidas pelo feminismo negro reformista. A expressão “Quando uma sobe todas sobem” ou ainda “Uma sobe e puxa a outra”, lema da Marcha das Mulheres Negras de 2018 sintetiza a crença de que é possível ascensão por dentro das estruturas podres do sistema capitalista.

5 Conclusão

Os dados oficiais apresentados sobre a realidade social e econômica das mulheres negras no Brasil e no mundo mostra a extrema desigualdade em que vivem, uma questão social que precisa ser estudada, bem como entender a base dessa relação e formas de superação.

Desde a colonização a mulher negra no país é vítima de todas as formas de violência. Foi vítima da violência sexual, transformada em objeto sexual, escravizadas, ocupando igualmente aos homens negros o trabalho pesado nas lavouras, cana-de-açúcar, enfim para o servir. Contudo, as mulheres negras se destacaram na luta contra o regime escravagistas, daí temos grandes referências das ancestrais africanas e afro-brasileira na resistência e nas diversas lutas desde África, passando pela processo racializado do colonialismo e capitalismo, partilhar da África, tráfico, escravidão e pós-abolição sem reparações históricas até os dias atuais.

As mulheres negras organizaram fugas, movimentos emancipatórios, rebeliões, guerrilhas e organização de quilombos, por isso e com orgulho referenciamos Aqualtune, Dandara, ambas chefiaram o Quilombo de Palmares, Teresa de Benguela que liderou o quilombo de Quariterê e Luiza Mahin, grande liderança da revolta dos Malês. Destacamos o papel das negras como alicerce da cultura africana, em especial da religião de matriz africana.

Nos dias de hoje diversas organizações como ONGs, correntes do feminismo negro, na academia e em setores médios da classe tem se orientado com perspectivas ideológicas alheias às tradições de nossa classe e do movimento negro e buscam atuar influenciando as mulheres sobretudo nas periferias e nos movimentos. É preciso aprofundar sobre a base teórica dessas organizações, bem como disputar as mulheres negras para que de fato se emancipe e para isto é preciso é preciso lutar permanentemente contra sistema que gera todas as formas de opressão, pois enquanto houver capitalismo haverá resistência.

Referências

FONTANA, Mariucha (org.) **Combater o machismo para unir a classe**. São Paulo: Sundermann, 2019.

MARX, K. A Chamada Acumulação Primitiva. MARX, Karl. **O capital** – crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. Livro I, Tomo II.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



MUNANGA, Kabengelê. É preciso unir as lutas, sem abrir mão das especificidades. Entrevista concedida a Tatiana Mendonça, **do A Tarde** em 18/06/2018.

TELES, Edward. As Fundações Norte-Americanas e o Debate Racial no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**. Vol. 24, n. 1, Rio de Janeiro.

A construção jurídica da igualdade e da diferença Kimberlé Crenshaw. p. 18 a 32. **A Themis: gênero e justiça / Themis - Gênero Justiça e Direitos Humanos**, (organização não governamental). Vol. 3 (nov. 2018) – Porto Alegre: Themis, 2000

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero, **Estudos feministas** n.1, p.171-189, 2002.

III CONFERÊNCIA MUNDIAL CONTRA O RACISMO. Universidade Católica do Salvador.

TROTSKY, Leon. Balanço e perspectivas, in: **A teoria da revolução permanente**, São Paulo: Sundermann, 2011.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL: um árduo caminho para superação do racismo para atendimento das demandas

Profa Dra Cláudia Alves Durans/UFMA

RESUMO

O presente artigo, traz uma reflexão acerca de uma problemática candente e dramática que é a saúde da população negra. É parte constitutiva de estudos e pesquisas que estão sendo realizadas por um grupo de pesquisadores sobre a condição das populações negras, especialmente quilombolas, com o intuito de resgatar conhecimentos históricos invisibilizados por interesses econômicos, políticos e sociais historicamente dominantes na sociedade brasileira. Utiliza-se o materialismo histórico e dialético como método, para, no contexto de uma totalidade orgânica, analisar as condições de saúde da população negra, cuja realidade foi esgaçada mais dramaticamente no contexto da covid19. Evidencia-se as lutas e programas voltados para essas populações, destacando-se o papel do agente de saúde nos territórios, assim como a incompetência dos gestores, na implementação de políticas públicas voltadas para o atendimento dessa população.

Palavras-chaves: Saúde da população negra, Políticas Públicas, Racismo

ABSTRACT

This article brings a reflection on a burning and dramatic problem that is the health of the black population. It is a constituent part of studies and research that are being carried out by a group of researchers on the condition of black populations, especially quilombolas, with the aim of recovering historical knowledge made invisible by economic, political and social interests historically dominant in Brazilian society. Historical and dialectical materialism is used as a method to, in the context of an organic totality, analyze the health conditions of the black population, whose reality was more dramatically frayed in the context of covid19. The struggles and programs aimed at these populations are highlighted, highlighting the role of the health agent in the territories, as well as the incompetence of managers in the implementation of public policies aimed at assisting this population.

Keywords: Health of the black population, Public Policies, Racism

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Introdução

O presente texto faz parte da reflexão, pesquisas, debate e extensão, que um grupo de pesquisadores vem realizando sobre a condição das populações negras, especialmente quilombolas, para contribuir com o resgate de conhecimentos históricos de uma realidade ofuscada por interesses econômicos, políticos e sociais historicamente dominantes na sociedade brasileira, que invisibilizou e pôs à margem da cidadania construída no país uma ampla maioria de pessoas, destacadamente africanos escravizados e seus descendentes, assim como os povos originários. Estamos no campo da perspectiva teórico-metodológica que utiliza o método do materialismo histórico dialético. Por seus fundamentos, este método busca apreender a realidade estudada inserida numa totalidade orgânica, complexa e contraditória. Nesse sentido, busca apreender a particularidade do fenômeno investigado, como síntese de múltiplas determinações que são históricas, econômicas, sociais, política, culturais, etc. Assim, este texto, expressa uma aproximação sobre as condições de saúde da população negra, especialmente após a crise da pandemia.

O mundo viveu uma situação dramática com a pandemia de covid 19, só vista antes com a gripe espanhola em 1918, que ceifou cerca de 50 milhões de vidas no mundo (3% da população global à época). No Brasil foram cerca de 35 milhões. Em 11 de março 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou como pandemia o surto causado pelo novo coronavírus (covid19). Dados do dia 14 de agosto de 2020 registravam 20.730.456 contaminados e 751.154 mortos no mundo (OPAS, 2020). Os EUA, apesar de ser o país mais poderoso economicamente do planeta, esteve no topo de mortes por covid19, sendo estas principalmente de pobres e negros, sob o governo de extrema direita de Trump.

2. Avanços e retrocessos na política de saúde

Infelizmente, o Brasil alcançou a marca de 700 mil mortos por covid 19, atingindo de forma letal principalmente os que possuem comorbidades e idosos

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

(CORONAVIRUS/BRASIL, 2020). Uma geração foi duramente atingida: conhecimentos, saberes e experiências que estão que se perderam. Registro necessário a fazer: os mais pobres, negros e negras, foram os mais atingidos, tendo em vista as condições socioeconômicas, permeadas pela desigualdade.

Importante destacar que o Brasil alcançou conquistas fundamentais, construindo um sistema público de saúde, a partir do Movimento pela Reforma Sanitária, organizado desde os fins de 1970, e que atingiu ponto alto na VIII Conferência Nacional de Saúde realizada em 1986. Nessa conferência foi apresentada a proposição de sistema Único e Descentralizado de Saúde (SUDS) e do conceito de saúde integral, relacionada às condições de vida e trabalho da população. “A luta foi árdua, deparando-se com fortes interesses econômicos do setor privado, a exemplo da Federação Brasileira dos Hospitais e da indústria farmacêutica que conseguiram lamentavelmente assegurar a sua participação no SUS, com acesso, portanto, aos recursos públicos.” (BHERING; BOSCHETTI, 2007, p. 145).

O movimento logrou colocar na Constituição Federal de 1988 a Saúde como direito de todos e dever do Estado.

Art. 196, a Constituição Federal de 1988 reconhece a saúde como direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação. (BRASIL, 1988).

Assim como incluiu a saúde no tripé da seguridade social:

Art. 194. A seguridade social compreende um conjunto integrado de ações de iniciativa dos poderes públicos e da sociedade, destinadas a assegurar os direitos relativos à saúde, à previdência e à assistência social.

Parágrafo único. Compete ao poder público, nos termos da lei, organizar a seguridade social, com base nos seguintes objetivos:

- I - universalidade da cobertura e do atendimento;
- II - uniformidade e equivalência dos benefícios e serviços às populações urbanas e rurais;
- III - seletividade e distributividade na prestação dos benefícios e serviços;
- IV - irredutibilidade do valor dos benefícios;
- V - equidade na forma de participação no custeio;

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

VI - diversidade da base de financiamento;
VII - caráter democrático e descentralizado da gestão administrativa, com a participação da comunidade, em especial de trabalhadores, empresários e aposentados. (BRASIL, 1988)

Reconhece-se o avanço do Sistema Único no Brasil como dos mais avançados do mundo. Os EUA, por exemplo, não possui um sistema público de saúde, o que coloca os mais pobres em situação de desproteção. Porém, conforme Bhering e Boschetti (2007):

Apesar dos avanços, foram também inscritas no texto constitucional, produto de uma correlação de forças desfavorável, orientações que deram sustentação ao conservantismo no campo da política social. Exemplo disso é a contraditória convivência entre universalização e seletividade, bem como o suporte legal ao setor privado, em que pese a caracterização de dever do Estado para algumas políticas. (BHERING; BOSCHETTI, 2007, p. 145)

Entretanto, sistema de saúde no Brasil sofreu fortes ataques nos anos 1990, com a política neoliberal que foi desenvolvida por sucessivos governos, com cortes e reformas que retrocederam muito em termos do patamar de direitos conquistados no país em particular quanto à seguridade social no Brasil. Nas palavras de Bhering e Boschetti (2007).

Ao longo dos anos 1990, propagou-se na mídia falada e escrita e nos meios políticos e intelectuais brasileiros uma avassaladora campanha em torno das reformas. A era Fernando Henrique Cardoso (FHC) foi marcada por esse mote, que já vinha de Collor, cujas características de outsider (o que vem de fora) não lhe outorgaram legitimidade política para conduzir esse processo. Tratou-se, como se pôde observar, de “reformas” orientadas para o mercado, num contexto em que os problemas no âmbito do Estado brasileiro eram apontados como causas centrais da profunda crise econômica e social vivida pelo país desde o início dos anos 1980. Reformando-se o Estado, com ênfase especial nas privatizações e na previdência social, e acima de tudo, desprezando as conquistas de 1988 no terreno da seguridade social e outros – a carta constitucional era vista como perdulária e atrasada – estaria aberto o caminho para o novo “. O projeto de modernidade” . O principal documento orientador desse projeto foi o Plano Diretor da Reforma do Estado (PDRE/MARE,1995), amplamente afinado

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



com as formulações de Bresser Pereira, então à frente do Ministério da Administração e da Reforma do Estado (MARE). (BHERING; BOSCHETTI, 2007, p.148).

Isso colocou o sistema de proteção social em situação de extrema fragilização pra enfrentar uma pandemia como a do novo coronavírus. O sistema esteve insuficiente para atender a uma demanda tão elevada. No entanto, destaca-se que apesar dessa fragilização, este tem salvou muitas vidas.

Nos estados do Norte e Nordeste do Brasil, com sistemas de saúde ainda mais frágeis, que no centro-sul, a situação foi dramática. Basta observar os exemplos do estado do Amazonas, em especial a sua capital Manaus, do estado Pará e sua capital Belém, e do estado do Ceará. Este último com 9 milhões de habitantes atingiu a marca de 10 mil mortos por covid 19 (dados de 14/08/2020), número superior ao da China que, com 1,4 bilhão de habitantes, teve 4.634 óbitos. A crise de oxigênio de Manaus descortinou toda a cruzeza e a perversidade da política que vigorava no país.

No estado do Maranhão a situação não foi menos dramática, considerando que este estado está entre os mais empobrecidos da federação, possuindo baixos indicadores sociais, entre os quais o número de médicos por habitantes (81 profissionais por 100 mil habitantes), números de leitos, em especial de UTIs. Após pico devastador em São Luís, a pandemia avançou para o interior do estado. Nesse momento a preocupação estava voltada para as comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhos, quebradeiras de coco, pequenos produtores, etc., já em condições extremamente vulneráveis social e economicamente. Municípios inteiros sem leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e com dificuldade de acesso à informação.

3. A saúde da população negra e os desafios no enfrentamento ao racismo e à pandemia

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

A covid19 é uma doença altamente infecciosa e de alta letalidade. Para cerca de 80% manifesta-se como resfriado ou gripe comum. Para 20% dos contaminados a doença se desenvolve de forma perversa e 3% a 5% vão a óbito. Entre os jovens a mortalidade ocorre em torno de 1%. Para as pessoas nas quais a doença evolui para o quadro mais grave (idosos e pessoas com comorbidades), sofrem por insuficiência respiratória e muitos necessitam de ventilação assistida. Nisto residu o maior problema, pois embora apenas cerca de 5% evoluíssem para a situação mais grave, o sistema de saúde, não comportava tal demanda. Daí a necessidade do isolamento social, pois é uma doença grave e não existia em 2020, vacina ou remédios comprovadamente eficazes. (OPAS, 2020).

Nesse sentido é que as medidas profiláticas foram extremamente necessárias para conter os níveis de contaminação: higienização das mãos, uso de máscaras, distanciamento social, etc. Com essa situação inteiramente nova, condições sanitárias e de educação altamente fragilizadas para a população de baixa renda, neste momento crítico foi necessário reforçar a mobilização e organização comunitária contra a pandemia. Nesse sentido, muitas iniciativas foram desenvolvidas e a situação trouxe à tona a vulnerabilidade da população negra perante o sistema de saúde.

Sabe-se pelos dados do IBGE que a população negra (pretos e pardos) no Brasil representa 52% da população total. No entanto, assim como nos EUA, óbitos por covid19 ocorrem mais entre esta. Segundo o Relatório epidemiológico do Ministério da Saúde, negros e negras representam 46,7% dos pacientes hospitalizados por síndrome respiratória aguda grave. Porém, no que se refere aos óbitos, corresponde a 54,8%. Mesmo com governos estaduais não incluindo o item cor em seus levantamentos e relatórios. (SERRA, 2020)

Os primeiros casos registrados de covid19 no Brasil no final de fevereiro, foram de 3 homens brancos que retornaram da Europa e aqui foram diagnosticados. Por outro lado, a primeira morte registrada no Brasil foi de uma empregada doméstica negra de 62 anos, na cidade do Rio de Janeiro, cuja patroa havia retornado da Europa em plena pandemia. Importante destacar que no Brasil, os trabalhadores domésticos constituem a maior categoria de trabalhadores existente, sendo composta em sua maioria mulheres negras.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



A situação da pandemia desnuda a crueldade do racismo existente no Brasil. Relatório do Ministério da Saúde relativo ao período de 11 a 26 de abril de 2020, mostrou que a covid19 triplicou para a população branca e quintuplicou para a população negra. (MOURA, 2020).

Há muito os movimentos negros denunciam como a saúde da população negra é tratada, denunciam que população negra é mais suscetível a algumas doenças: diabetes, tuberculose, doença renal, hipertensão, há ainda maior incidência da anemia falciforme. Nesse sentido, no seio da população negra está um número elevado de pessoas do chamado grupo de risco.

O racismo institucional funciona como uma espécie de mecanismo de impedimento de acesso das pessoas negras ao serviço de saúde, trazendo enormes prejuízos no seu processo de saúde, já que, por vezes, causa uma morte que poderia ser evitável e prevenível ou até mesmo antecipando essa morte que poderia acontecer de modo tardio. (SERRA, 2020).

Dados do Plano Nacional de Saúde mostram que 67% dos brasileiros que dependem exclusivamente do SUS são negros (pretos e pardos), porém o acesso dessa população é menor que da população branca. 23,3% de negros e negras já se sentiram discriminados no sistema de saúde. Além disso, renda, escolaridade, distância do local de moradia para os serviços de saúde, contribuem para dificultar esse acesso. E mesmo quando brancos e negros estão em condições de igualdade socioeconômica, ao acessar o serviço de saúde são preteridos, inclusive nas filas de atendimento. O Brasil já foi condenado por racismo diversas vezes, por órgãos internacionais. Em 2011, foi condenado por violação a direitos de grávidas negras e indígenas pela ONU. (SERRA, 2020).

Foi a partir das lutas dos movimentos sociais negros que houve a pressão para elaboração de políticas de saúde população negra. Sendo instituída a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, por meio da Portaria nº 992/2009.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

No contexto específico das comunidades quilombolas, em 2006, o Ministério da Saúde (MS) garantiu o acréscimo de 50% nos valores repassados por equipes de saúde a municípios que atendessem populações quilombolas e de assentamentos de reforma agrária, conforme a Portaria nº 822/GM/MS, alterando os critérios de definição das modalidades da Estratégia Saúde da Família. As comunidades quilombolas também foram referidas em outros documentos, como na Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, em 2009, e na Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta, instituída pela Portaria nº 2.866/2011.

De modo geral, os documentos acima afirmam a necessidade de respeitar as práticas e saberes das comunidades, garantir a participação de seus representantes nos contextos de monitoramento das ações e a necessidade de se estabelecer metas para a melhoria de seus indicadores de saúde, entre outras necessidades. Contudo, estudos apontam que os gestores municipais não compreendem o princípio da equidade do SUS (Sistema Único de Saúde), desconhecem a política específica para a população negra, além de não reconhecerem a importância do acréscimo de 50% dos valores repassados pelo governo federal aos municípios que registram atendimento às comunidades. A oferta pública de saúde se concentra nas sedes dos municípios, com base na demanda dos profissionais e gestores, não dos usuários, reforçando situações de vulnerabilidade social. Na prática, o planejamento da política de saúde se organiza e se preocupa com a ampliação da oferta e não com o acesso dos usuários. (SERRA, 2020).

Assim, o que se observa é uma ausência do Estado no âmbito tanto das periferias, quanto das comunidades tradicionais, particularmente as quilombolas. Nesse âmbito é importante destacar o papel que cumprem os agentes de saúde no acompanhamento, prevenção e relação com as secretarias de saúde dos municípios. O fato de residirem nos territórios é um elemento a mais para o trabalho desenvolvido, nem sempre reconhecido pelo município, estado ou mesmo governo federal. Conhecem as famílias, os doentes crônicos e são os que melhor podem informar o perfil das comunidades pelas visitas domiciliares periódicas que realizam.

As ações governamentais ainda não dão conta de responder às necessidades das comunidades quilombolas, embora já existam iniciativas nesse sentido. Em geral, as ações governamentais são marcadas pela ação da extensão da cobertura das políticas universalistas já existentes. Para além da redistribuição de recursos,

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



é necessário reconhecer que as comunidades quilombolas têm especificidades que devem ser respeitadas e levadas em consideração, sendo o uso do território uma dessas especificidades.

Há um grande desafio a ser travado quando se trata do serviço público de saúde em relação aos territórios quilombolas: a necessidade de troca de saberes entre os profissionais que atendem essas comunidades e os saberes e as práticas tradicionais das mesmas, que precisam ser conhecidas e reconhecidas para o planejamento dos serviços, com o devido cuidado para não incorrer no equívoco da espetacularização dos modos de vida de seus moradores. É preciso levar em conta as condições de invisibilidade e de desigualdade às quais foram submetidas. Além da necessidade de construir ações que promovam a educação para a saúde, para a diversidade tanto racial (enquanto fenômeno social e não biológico) como cultural destas comunidades devem ser elementos considerados para o planejamento das ações de prevenção e de cuidado.” (SERRA, 2020)

4. Considerações finais

A saúde da população negra é um tema fundamental que precisa ser abordado de forma cuidadosa e enfática. Como vimos, um dos principais problemas é a falta de acesso a serviços de saúde de qualidade. A discriminação racial é um problema real no sistema de saúde, o que dificulta o acesso da população negra aos cuidados necessários de forma adequada. Por isso, é fundamental a ação dos movimentos sociais antirracistas na pressão ao Estado para atendimento efetivo das demandas dessa população, para elaboração e implementação de políticas públicas voltadas para a promoção da saúde da população negra, incluindo campanhas de saúde, treinamento de profissionais da área para lidar com as particularidades dessa população, além de investimentos em infraestrutura e tecnologia para melhorar o acesso aos serviços

Referências

BEHRING, Elaine Rossetti e BOSCHETTI, Ivanete. Política Social: fundamentos e história. São Paulo: Cortez, 2007

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolo de Tratamento do Novo Coronavírus (2019-nCoV). V Ministério da Saúde, 2020. 32p. Acesso em: 02 jun 2020. Disponível em: <https://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2020/May/08/Diretriz-Covid19-v4-07-05.20h05m.pdf>

CORONAVIRUS/BRASIL. **Painel Coronavírus**, 2020. Disponível: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 28 jun. 2020.

MOURA, Jéssica. Aumento de mortes por causas naturais é 3 vezes maior entre pretos e pardos do que entre brancos: desigualdade foi agravada durante pandemia do novo coronavírus, 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/tag/saude-da-populacao-negra/>. Acesso em: 13 jul 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Constituição. República Federativa do Brasil 1988. Brasília, 1989.

OPAS (Organização Pan – Americana de Saúde). Folha informativa COVID-19 - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>

SERRA, Emerson. **A saúde da população negra no Sistema Único de Saúde Brasileiro**. Justificando, 2020. Disponível em: <https://www.justificando.com/2020/02/06/a-saude-da-populacao-negra-no-sistema-unico-de-saude-brasileiro/>. Acesso em: 26 jun. 2020.

PROMOÇÃO



APOIO

